## CARTÃO DE LEITOR <br> 

## Vida subterrânea

No início da década de 90 , eu frequentava a Faculdade de Ciências de Lisboa, convencido de que o meu futuro estava na Biologia, talvez na investigação genética, talvez num gabinete a congeminar teorias sobre mecanismos evolutivos de uma espécie remota (sem saber que os meus próprios mecanismos evolutivos me levariam em breve para o campo dos jornais edos livros, de onde nunca mais voltei). O aluno que então era cumpria quase diariamente um percurso de 20 minutos no metropolitano, entre o Rossio e a Cidade Universitária. Quando não tinha a sorte de encontrar um lugar sentado, que me permitise um prolongamento da sessĩo de leitura iniciada no barco que me trazia da outra margem do Tejo, entretinha-me com a observação atenta dos outros passageiros, olhando para eles como um escritor olha para os seus personagens. Na forma como se sentavam, como inclinavam a cabeça, como bocejavam de sono ou sacudiam uma mosca, via sinais do que poderiam ser as suas vidas, as suas tristezas e alegrias, as suas personalidades. E imaginava histơrias para aqueles corpos, tantas vezes ligeiramente encolhidos (por se sentirem observados?). Os outros passageiros eram páginas em branco, portas de entrada para ficções à espera de serem escritas, mas a verdade é que os seus rostos se esfumavam mal saía da carruagem e subia em passo rápido as escadas, procurando lá fora, por trás da Aula Magna, o perfil do edificio C2.
Uma das grandes virtudes dos desenhos de António Jorge Gonçalves, reunidos no volume Subway Life (Assirio \& Alvim), é esta: os rostos dos passageciros năo se esfumam. Muito pelo contrário. O pequeno jogo que eu fazia (e que
provavelmente toda a gente faz nas mesmas circunstâncias) foi elevado pelo co-criador de Filipe Seems a uma forma de arte súbita. Quando vivia em Londres, estes retratos instantâneos da primeira pessoa que se sentasse à sua frente no metro, feitos nos poucos minutos dos trajectos entre estações, funcionavam como um exercício de rapidez e acaso, com o qual se obrigava «a desenhar aquilo que não podia escolher». Mas depois a coisa foi ficando séria, à medida que o projecto se estendeu a outras cidades, em vários continentes, e o respectivo site se tornou um lugar de referência na internet, com mais de cinco milhões de visitas desde 2002.

Dos cerca de três mil desenhos que enchem os seus cadernos, Gonçalves revela-nos agora cerca de quatrocentos, divididos cronologicamente pelas 10 ci-


Uma das grandes virtudes dos desenhos de António Jorge Gonçalves é esta: os rostos dos passageiros não se esfumam. Ó pequeno jogo que eu fazia foi elevado a uma forma de arte súbita.
dades em que foram feitos: Londres, Lisboa, Berlim, Estocolmo, Nova Iorque, São Paulo, Tóquio, Atenas, Moscovo e Cairo. Os modelos involuntários (a quem nunca foi pedida autorização) aparecem literalmente arrancados da carruagem em que seguiam. Não há bancos nem portas nem argolas penduradas do tecto. Só corpos (estranhamente suspensos no vazio) e o modo como se expõem. Dá ideia de que o objectivo é encontrar, para cada um deles, o punctum barthesiano: uma inclinação das pernas, o ângulo do cotovelo, os objectos pousados sobre os joelhos, um pé em cima do outro, certa expressão facial melancólica ou galhofeira, ou inexpressiva.
Em tempo de globalização, constatamos sem surpresa que são mais as semelhanças do que as diferenças entre os passageiros das várias cidades. Mas ainda assim as diferenças' ${ }^{\prime}$ xistem, mesmo se a escassez da amoştra aleatória não permite fazer extrapolações estatísticas. Por exemplo: a cidade em que mais pessoas vão a dormir é Londres (7); aquela em que mais se lêe é Moscovo (17); o maior número de passageiros com óculos está em Atenas (22); o maior número de crianças transportadas ao colo junta Estocolmo e São Paulo (2); enquanto a única máscara antigermes surge, previsivelmente, em Tóquio.
Gonçalves nunca explica nem contextualiza. Limita-se a mostrar-nos, em bruto, a humanidade dispersa por vários continentes. E a resumir as suas experiências em breves linhas, com a concisão de um baiku: «os meus modelos igno-ram-me, mas às vezes é como se sentisse as cócegas que lhes faço com a minha caneta sobre o papel» (Londres).
(Desenhos nas páginas 54-55)


## Notas do desenhador-escrivão

## Durante anos, António Jorge Gonçalves desenhou

 pessoas sentadas no metro em dez cidades diferentes. Resultado? Subway Life (Assirio E® Alvim).Até me ter mudado para Londres nunca tinha desenvolvido o hábito de desenhar pessoas cara a cara. Sempre achei o exercício do retrato uma chatice, por causa da pressão que o retratado coloca no retratista. O retratado procura quase sempre obter um retrato seu idealizado, longe do grotesco que o retratista vê.

Quando comecei este exercício no metro estava só concen-
trado na ideia de conseguir desenhar pessoas num espaço de
tempo desconhecido. Quer dizer, as pessoas em si escapavam--me. A maior parte dos meus retratos dessa altura têm um pendor caricatural e isso tem uma explicação: eu olhava mais para os desenhos do que para as pessoas.
Foi principalmente nas passagens por Berlim e Estocolmo que a verdadeira face do jogo se começou a revelar: precisei de acalmar a minha pressa, de encontrar um «passo» para a construção dos desenhos, de abraçar a impermanência e a incerteza. Não admira que a repetição deste ritual, horas a fio, me tenha trazido catadupas de questões existenciais.

Tratava-se de um jogo de espelhos. Eu começava como um voyeur, anónimo, mas o labor do desenho denunciava-me e gerava graus progressivos de reacção dos meus retratados: curiosidade, surpresa, ameaça. A familiaridade que ganhei



